

Zélia consegue deixar inflação em declínio

Roberto Hillas

Se é verdade que a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello saiu do Governo deixando a incerteza quanto ao equilíbrio fiscal (o saldo de receitas de curto prazo do ano passado não se repete em 1991), seu legado para Marcílio Marques Moreira é de uma inflação em ritmo de baixa. Zélia e sua equipe saíram convencidos de que a inflação ficará em torno dos seis por cento em maio, continuando a cair durante o ano. As maiores pressões, em hortigranjeiro, aluguel, vestuário, demonstraram que a inflação já não está descontrolada, já não há o risco da hiperinflação.

O comércio externo está conseguindo melhorar seu saldo mensal — 2,561 bilhões de dólares no trimestre deste ano contra 657 milhões de dólares no final de março do ano passado. Começam a ser importados insumos industriais e máquinas, em detrimento dos supérfluos. A dívida externa está em fase adiantada de renegociação. O setor público em plena sedimentação da sua reforma. A privatização ganhou um cronograma definitivo. O presidente da República já não está necessitando garantir a go-

vernabilidade com a edição de medidas provisórias.

Recente pesquisa de indicadores de produtividade da indústria, feita pela Price Waterhouse junto às 500 maiores empresas do País, mostra que o parque fabril brasileiro está muito longe de ser eficiente. O prazo médio de entrega foi de 35 dias no ano passado, quando no mundo industrializado é de no máximo quatro dias. A relação horas produtivas/horas de trabalho disponíveis no Brasil, que foi de 75,2 por cento em 1989, caiu para 71,4 por cento no ano passado (no mundo industrializado é de 97 por cento). Em 42 por cento das indústrias pesquisadas produtividade é apenas um plano remoto.

É natural que uma indústria que apresente 25,6 por cento de horas paradas tenha que lutar por reajustes elevados de preços, porque ela é pouco eficiente. O quadro é dramático: as horas paradas são justificadas por falta de peças (34,3 por cento), precária manutenção de máquinas (22,8 por cento) e troca de linha de produção (21,7 por cento). Nos países ricos, como Japão e Coréia, a média de horas paradas das indústrias é de apenas três por cento. O prazo médio de es-

tocagem de insumos é no Brasil de 55,4 dias, enquanto a média mundial é de apenas seis dias.

O mais gritante, que revela carência de gerenciamento, é o prazo de estocagem dos produtos acabados, que nas indústrias brasileiras chega a ser de 29,1 dias, quando o padrão mundial é tão insignificante que se aproxima do zero. Os resultados são no mínimo preocupantes. As indústrias investem no máximo três por cento em pesquisa e desenvolvimento (na Coréia se investe sete vezes mais). A ineficiência é praticamente generalizada.

Produtividade é um assunto estratégico. Tão importante que deveria estar sendo tratado pela secretaria que o Presidente criou, por sugestão da Escola Superior de Guerra, para tratar de assuntos estratégicos (e acabar com o SNI). Sem produtividade e qualidade industrial, o Governo dificilmente conseguirá controlar o processo inflacionário brasileiro. A expectativa inflacionária, que Ibrahim Eris estudou semanas atrás, tem sua origem no quadro ultrapassado da indústria brasileira. As pressões pela liberação dos preços, portanto, será o principal problema que o ministro Marcílio Marques Moreira terá a enfrentar, de agora em diante.

